

# lapaus

Número 13

Publicação dos  
Associados do IPB

## EDITORAL

Em entrevista a uma Revista da Bahia, o escritor Antonio Torres, recém nomeado à Academia Brasileira de Letras, quando perguntado sobre como lida com o jogo da memória, responde a partir da descrição dedicado a sua terra natal: "Eu disse que aquilo era bonito demais para ser verdade, que acho que inventei, pois minha memória é uma memória da ficção. Há algo ali absurdamente real. Só que o real, quando escrito, vira outra coisa".

É sobre um real que sempre nos escapa que, muitas vezes, tentamos tratar na psicanálise. Neste aspecto, a arte nos antecipa, demonstrando a invenção um saber-fazer ali mais aquém do dispositivo constituído.

Mesmo adiantados em tecnologias e muito por conta do que a ciência vem sendo capaz de aportar e transformar, nos deparamos com questões que podem parecer simples. Afinal, o que é o corpo? Como ele se apresenta hoje? E o real, do que se trata? O verbo parece fazer carne, causando efeitos.

Lapsus finaliza suas edições anuais trazendo temas que perpassaram muitas discussões do Instituto neste ano de 2013, contemplando o corpo e a direção ao real.

Fazemos hífen para 2014, não sem antes apresentar os trabalhos que compõem essa edição: Adilson Silva faz sua elucubração, interrogando as consequências do real na atualidade marcada pelo discurso científico; Inês pré-ambula entre novas ordens, na tentativa de, através da palavra, expressar o dizer, tão caro a psicanálise; Fabíola Araujo versa sobre o corpo na obesidade, tomando o sujeito contemporâneo como sob o poder de um imperativo de gozo.

Por fim, brindamos mais uma passagem de ano com a poesia de Cecília Meirelles, nos elucidando que, mesmo nas repetições, algo de novo é re.inventado.

Boa leitura e até breve!

Daniela Araújo e Rogério Barros

## SUMÁRIO

<b>TEXTOS</b> .....	4
<b>Preâmbulo, ou <i>algo de uma outra ordem</i></b> .....	4
Inês Mata	
<b>Uma elucubração sobre o real</b> .....	5
Adilson Sebastião Silva	
<b>O corpo na obesidade</b> .....	8
Fabíola Neves Araujo	
<b>POESIA</b> .....	10
<b>Reinvenção</b> .....	10
Cecília Meireles	

**Preâmbulo, ou algo de uma outra ordem**

Inês Mata

Escrever sempre foi modo de escape para o burburinho das palavras que ressoam dentro de mim. Palavras que sempre foram as parceiras ideais, aquelas que ordenavam, norteavam o meu desalinho, palavras íntimas. Sempre fácil 'lidar' com elas. Então eis que na minha busca pelo saber, se inicia o meu percurso orientado 'em direção ao Real', surgem palavras de um vocabulário novo, ou melhor, velhos vocábulos que são recortados para serem em seguida atados de forma nova. Palavras caras, e que me são caras, vão se desconstruindo e passam a construir novos entendimentos para os velhos sintomas. Palavras que convocam um imperativo: Sim!-Tomas, ordenando que o sujeito as tome, e as torne próprias, fazendo emergir o novo: o ser Falante na clínica psicanalítica. Sobre, e para estas palavras, o analista se mune de tesoura e cola para se enveredar pelo percurso de Letras, Língua e aLíngua. O rumo é o gozo do sentido, ou o sem sentido do gozo.

E assim, neste prefácio, o estudo da psicanálise me trouxe o desafio polifônico e polimórfico das palavras. As ditas que traduzem as não ditas. Aquelas que podem se tornar mal-ditas, mesmo quando Bem-ditas. Sintaxes recortadas, algo de uma outra ordem.

Tendo citado este termo, o algo de uma outra ordem, é uma expressão que soa ou ressoa, de forma divertida aos meus ouvidos. Acredito ter sido esta a primeira colagem de palavras da qual a turma da qual faço parte no curso da EBP se apropriou. Peço aqui licença por ter citado a coletividade, informando que esta é apenas a expressão do que me é singular, a minha leitura.

E o "de uma outra ordem" explica bem aquilo que não se explica, aquilo que não sei o que é mas que sei o que não é. E a

explicação lacaniana para nomear aquilo que sai da ordem fálica, da ordem do significante, passou a ser repetida como um mantra para fazer ressoar os primeiros conceitos, mesmo os que continuam em construção, sinalizando desde início que mais do que o dito e que há muito mais para ser 'lido'.

Lembrando a frase dita por Lacan em L'Etourdit: "que se diga, fica escondido por trás do que se diz no que se ouve", sinalizando que há mais caminhos atrás do já caminhos. E de que Dizer se trata?

E é assim que seguimos, 'pré-ambulando' por entre novas, velhas letras, munidos para cortar e recortar palavras, buscando novas colas e tateando no aprender a 'disjuntar' saber e verdade para conseguir olhar enigmas.

\*\*\*\*

## **Uma elucubração sobre o real**

**Adilson Sebastião Silva**

No encerramento do VIII Congresso da AMP em abril de 2012, em Buenos Aires, Jacques-Alain Miller anunciava o tema do próximo Congresso que acontecerá em Paris: "A desordem do real no século XXI".

Àquela época, Miller chamava a atenção para a necessidade de se esclarecer, para nós mesmos psicanalistas, as consequências do real no século XXI em relação às estruturas clínicas, na medida em que a nova ordem simbólica, que desvaloriza o fundamento angular que é o Nome do Pai, põe em jogo a diferença entre neurose e psicose, ao ponto desse rebaixamento do "Nome do Pai" na clínica, levar Lacan a se expressar dizendo: "Todo mundo é louco, isto é, delirante". E mesmo ao longo de seu ensino, fez dessa função nada mais do que um sinthoma, isto é, a suplência de um furo. Furo que é a inexistência da relação sexual na espécie humana, na espécie

dos seres vivos que falam. A não relação sexual impõe aos seres falantes uma ignorância sobre algo que passa pelo sexual. Uma ignorância em busca de um saber que não quer nada saber, daí o apelo à fantasia.

Mas, o que é o real? O próprio Miller nos alerta:

“O que é o Real? É a pergunta que não se deve fazer porque até a forma como ela se apresenta não convém ao Real, tal como se impõe - ao menos segundo Lacan - de elaborá-la na experiência analítica.”(1)

O real da psicanálise não é o mesmo real da ciência, todavia trata-se de situar os efeitos na prática clínica, a partir desses dois registros, a saber, o real e o simbólico, no contexto do século XXI, ancorado e estruturado pelo discurso da ciência e apropriado pelo discurso capitalista.

Segundo Miller, houve um tempo em que o real se chamava Natureza, tida como o mais elevado conceito de ordem, e que não causava surpresa. O real enquanto natureza tinha a função de Outro do Outro, como garantia mesma da ordem simbólica. Mas, houve uma ruptura, um corte epistêmico na modernidade, o advento da ciência representa um corte epistemológico com o mundo antigo. Do mundo finito, cosmológico, passamos ao universo infinito da ciência (2). O real nessa época, em que se confundia com a natureza, caracterizava-se por não surpreender, mantinha uma circularidade, o que pressupunha uma regularidade.

Lacan se utiliza dessa referência para dizer que o real sempre retorna ao mesmo lugar. Tratava-se do tempo em que o Nome do Pai era a chave da ordem e a ordem humana deveria imitar a ordem natural. Porém, “ao retorno do real ao mesmo lugar, Lacan opôs o significante, na medida em que este é caracterizado pelo deslocamento. O significante se conecta, se substitui de modo metafórico ou metonímico e sempre retorna em lugares inesperados, surpreendentes” (3).

O universo indefinido e infinito da ciência, não se integra por nenhuma espécie de subordinação natural. Com a ciência, passa-

se da fala para a escrita. É o que sustenta o enunciado de Galileu Galilei: "a natureza está escrita em linguagem matemática". Entretanto, Lacan já nos advertia em seu Seminário - Mais ainda - "O truque analítico não será matemático" (4)

Miller interroga o aforismo "há saber no real": o real é sem lei e por quê? (5)

Porque na psicanálise, não há saber no real. O saber é uma elucubração sobre o real desprovido de todo suposto saber. O inconsciente dito real é um saber sem sujeito. É isso, pelo menos, que Lacan inventou como o real, a ponto de se perguntar se esse não era seu sintoma.

O real é inventado porque ele não é o mesmo real da ciência. É sem lei, porque é desprovido de lei natural.

O inconsciente do último ensino de Lacan está no nível do real e não é uma construção do inconsciente fantasia, ele é encontrado por se impor em emergências surpresas, feito de significantes fora de cadeia, implantados no campo do gozo, que o lapso manifesta sem decifração, como nos antecipava Lacan, desde o seminário XI. É o núcleo psicótico de todo falasser (6), podemos situá-lo, por comodidade, "abaixo" do inconsciente freudiano, de modo que, nossa clínica no século XXI deverá se concentrar em desmontar a defesa, desordenar a defesa contra o real.

## **Referências**

(1) MILLER, Jacques-Alain - A experiência do Real na cura psicanalítica - Aula 1, 18 de novembro de 1998 (Tradução E.B.P.).

(2) KOYRÉ, A. Estudos de história do pensamento científico. Forense Universitária, RJ-2011, 3a ed.

(3) MILLER, Jacques-Alain - O real no século XXI, Opção lacaniana, nº 63, 2012.

(4) LACAN, Jacques - O seminário. Livro 20: Mais ainda JZE - 2010-RJ

(5) MILLER, Jacques-Alain - O Real é sem lei, Opção lacaniana, nº 34, 2002.

(6) Soler, C, Lacan: o inconsciente reinventado - Rio de Janeiro - Cia de Freud - 2012.

\*\*\*\*

## **O corpo na obesidade**

Fabíola Neves Araujo

A orientação Lacaniana da clinica psicanalitica aponta a obesidade mórbida como uma doença eletivamente infantil, que na perspectiva da operação da alienação / separação causação do sujeito, situa-se no eixo da alienação.

O objeto comida apaga a divisão do sujeito, do ser de falta incompleto da psicanálise. Ao invés de colocar para fora falando, o sujeito coloca a comida, a bebida e as dores da vida para dentro.

Para mostrar a primazia absoluta do objeto sobre o signo, o obeso pode ser considerado o paradigma do sujeito contemporâneo reduzido a uma máquina de gozo, posto que sob o discurso capitalista se cria pseudo-faltas, se alimenta o circuito do consumo com o propósito de saturar o vazio estrutural. Seu corpo se torna receptáculo de objetos.

Nessa perspectiva o sujeito não se encontra dividido entre o gozo e o desejo. Preenchido pelo objeto, ele expressa o gozo puro característico dos "novos sintomas" que se distinguem do sintoma analítico por não serem articulados a palavra. Como diz Miller: são sintomas mudos, por seu déficit simbólico.

PACIENTE: "Eu não sei porque sou gordo? Eu como o que todos comem , só que em mim é diferente, engordo. Eu não acho que eu coma suficiente para ter o meu peso"  
Paciente que precisa perder 60kg diz: Se eu perder uns 20 kg fico ótimo. Eu não me vejo gordo!!



A incapacidade diante dos conflitos e cotidianos da vida, a falta de reação às agressões externas torna a sua personalidade cada vez mais fragilizada, deixando que o corpo grande seja uma armadura de força e, ao mesmo tempo, causa de angústia no outro, o que caracteriza um traço perverso.

Para Recalcati: a fome do obeso se apresenta como uma experiência pulsional, de algo que se impõe ao sujeito. O sujeito é agido pela pulsão e está em poder do imperativo de gozo.

Frente a erupção do gozo excessivo, o sujeito se vê sem recursos simbólicos para metabolizá-lo, para reabsorvê-lo e se percebe como se fosse separado do seu próprio corpo.

A fala do obeso gira em torno da impossibilidade de sair desse lugar de não conseguir parar de comer, havendo uma necessidade de sentir-se cheio e sem espaço para a fome, ainda que pareça que o obeso está sempre com fome.

O estômago não pode ficar vazio. Não há medida! A medida é o final, o último chocolate, o final do pacote, o último pedaço ...

Entendemos que a obesidade é um sintoma compulsivo, que se caracteriza pelo excesso e pela falta de limites. O sujeito deseja preencher incansavelmente o vazio.

Paciente começou a engordar com 17 anos. O seu namorado dava muito valor e admirava o corpo esbelto. Engordar para essa moça significou verificar o seu valor de sujeito no desejo do outro, além da função de objeto de seu corpo. Tipo: você me ama pelo que eu sou ou pela minha forma??

Na obesidade, assim como na bulimia, encontramos em primeiro plano a devoração, a incorporação infinita, a impossibilidade de recusar o objeto alimento, o dever de dizer sempre "sim". O sujeito aparece completamente apegado a demanda do Outro e o seu próprio desejo reduzido à um gozo autístico, desconectado do desejo do Outro, e então ele diz: "a fome é mais forte do que eu".

Lacan sublinha que o dom de amor é o signo da falta do Outro, e a comida, como pode ser pedida, as vezes aos berros, adquire

esse sinal de amor. Uma vez que isso falte (o signo da presença da falta), a criança irá devorar a papinha, que é o substituto do signo de amor.

O obeso mórbido tem como causa uma dificuldade em lidar com a falta radical que lhe constitui; sua obstinação, aparentemente em comer, tem como objetivo, na verdade, camuflar ou ocultar essa falta radical.

Assim, a comida não preenche o que deveria, escorrendo por um buraco, por uma falta radical; o obeso também não pode contar com sua imagem, e ainda se encontra com referências fragmentadas e com relações sociais frágeis. Não conta, portanto, com nada sólido que lhe sustente. Em outras palavras, tudo que é sólido se desmancha nele!

#### Referências

Recalcati, M. O excessivamente cheio do corpo: Por uma clínica psicanalítica da obesidade. In: Escola Brasileira de Psicanálise. **Latusa**: A fuga nas doenças impossíveis. Rio de Janeiro, no 7 Pág.51-74 outubro de 2008.

Miller, J -A. o sintoma e o cometa. In: **Opção Lacaniana**, n.19, agosto 1997. p.5-13.

Vigano, Carlo. **Novas conferencias**. 2. ed. Editora Scritum .

\*\*\*\*

poesia

**Reinvenção**

Cecília Meireles

A vida só é possível  
reinventada.

Anda o sol pelas campinas  
e passeia a mão dourada  
pelas águas, pelas folhas...  
Ah! tudo bolhas  
que vem de fundas piscinas  
de ilusionismo... - mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,  
a vida só é possível  
reinventada.

Vem a lua, vem, retira  
as algemas dos meus braços.  
Projeto-me por espaços  
cheios da tua Figura.  
Tudo mentira! Mentira  
da lua, na noite escura.

Não te encontro, não te alcanço...  
Só - no tempo equilibrada,  
desprendo-me do balanço  
que além do tempo me leva.  
Só - na treva,  
fico: recebida e dada.

Porque a vida, a vida, a vida,  
a vida só é possível

reinventada.

\*\*\*\*

## LAPSUS ONLINE

A Lapsus também pode ser lida, ampliada, consultada e compartilhada em meio virtual. Contamos com toda a nossa história, compilada em 12 edições, no site <http://institutopsicanalisebahia.com.br/lapsus>.

Visitem-nos!

## submissão de trabalhos

Convidamos os participantes do IPB a compartilharem com LAPSUS suas ideias, seus temas de investigação e interesse. Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail [lapsusibp@gmail.com](mailto:lapsusibp@gmail.com).

## ESPECIFICAÇÕES

- O texto deverá vir com título e nome do autor em tamanho 14, fonte Cambria (títulos), devidamente corrigido e revisado.
- Número de caracteres entre 2500 e 3000 com espaço.
- Fonte Courier New, tamanho 12 e o espaçamento antes 0pt, depois 0pt, entre linhas 1,5.
- Informamos que os trabalhos com vinhetas ou casos clínicos serão analisados criteriosamente pela equipe Lapsus antes da publicação.

\*Os trabalhos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião dos editores de LAPSUS. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate de questões diversas que transitam por aqueles que integram e frequentam as atividades do Instituto de Psicanálise da Bahia.

\*\*\*\*

## **expediente**

**Equipe Lapsus:** Anderson Viana, Daniela Araujo, Ethel Poll, Júlia Solano, Laiz Rodrigues, Paula Goulart, Rogério Barros e Wilker França

**Consultor:** Bernardino Horne

**Contato:** lapsusibp@gmail.com